

Adoção: uma outra forma de gestação

Izabela Van Eijk Câmara e Márcia Benita Van Eijk Câmara

“Adoção é uma outra forma de gestação, aquela que, em vez de ter uma barriga grande, a pessoa tem um grande coração.”

Ser adotado(a) é ter o sentimento de que pertencemos a algum lugar, que existem pessoas que nos amam, que vão estar lá nas horas de dificuldades e nos apoiar nas horas em que ninguém nos apoia. Eles são a parte que faltava em nosso ser. Família!

Claro que nem tudo são rios de flores, tem suas dificuldades, assim como um filho gerado na barriga.

Assim como os pais que adotaram precisam de tempo para se adaptar à criança, ela também precisa de tempo para assimilar tudo.

Na minha opinião, eu consegui me adaptar bem com minha família, apesar das dificuldades que surgiram em meio a um rio de flores!

Quando eu cheguei, eu já tinha dois irmãos mais velhos (uma irmã e um irmão). De cara, eu dei muito certo com meu irmão, não tinha irmão biológico e tudo era novidade!

Com minha irmã, podemos falar que eu cheguei causando. Eu gostava de causar ciúmes. Eu sentava no colo do nosso pai e falava: “Ele é o meu pai” (não tive pai biológico muito presente). Ela ficava bem irritada, mas eu era só uma criança e ela esperava alguém para cuidar, uma irmãzinha indefesa, mas eu não era assim, era muito independente e “sabia cuidar de mim mesma”, ainda que tivesse acabado de fazer 6 anos. Tinha irmãs biológicas e sentia como se ela estivesse querendo tomar o lugar delas.

Demorou para eu falar o primeiro “Te amo” para minha mãe. Ela me colocava para dormir e falava: “Boa noite, te amo”; eu falava só: “Boa noite”. Mas depois de um tempo, eu falei, foi um processo de conquista, de conhecer, confiar... eu tinha mãe, na minha cabeça, eu não precisava de outra.

Eu não queria estar ali quando cheguei, queria voltar para minha família biológica.

As famílias do meu pai e da minha mãe me aceitaram muito bem. Na família da minha mãe, eu tenho tios que foram adotados, então foi bem tranquilo para eles. Na família do meu pai, meu tataravô havia sido adotado.

Quem é adotado, às vezes, não gosta de falar sobre ser adotado. Mas isso vai de pessoa para pessoa, pois, na minha família, temos liberdade para falar, mas respeitam também meu silêncio.

Bem, depois de 8 anos, o processo acabou, foi muita felicidade, porque demorou, mas, no final, deu tudo certo.

Foi somente com 14 anos que os meus documentos mudaram, sendo que eu fui adotada com 6 anos. Recentemente fez 10 anos que eu fui adotada. Não me lembro muito da minha infância antes dos 5 anos, apenas que eu tinha duas irmãs, ambas faleceram, mas também não lembro como. Minha mãe biológica era alcoólatra, então ela não conseguia cuidar da gente.

Um fator importante é que, às vezes, a mãe biológica da criança vai procurar a família para poder ver o filho, mas um conselho que quero dar é que, se a criança for mais velha, converse com ela, deixe ela decidir. No meu caso, eu ainda não a quis conhecer/rever, acho que ainda não estou preparada, mas vai de pessoa para pessoa também.

Você quer adotar? Pense com calma! Mas, se essa vontade estiver no seu coração, ADOTE SIM. Não deixe as pessoas falarem que não vai dar certo, porque tem tudo para ser positivo.

Seja paciente, você precisa de tempo para se adaptar, e a criança/adolescente também! Procure ajuda profissional, se necessário. Eu e minha família tivemos acompanhamento de uma psicopedagoga.

Não cobre a perfeição de seu filho adotivo, ele não pediu para nascer, também não pediu para ser adotado. Filhos biológicos também não são perfeitos, também não pediram para nascer! Não cobre gratidão! Isso vem do amor, da conquista diária, deve ser algo espontâneo!

Eduque, seja sincero, fale a verdade! Somos filhos, pessoas, indivíduos, não coitadinhos!